

## **RODANDO A BAIANA: CONFLITOS NA COMERCIALIZAÇÃO DO ACARAJÉ.**

**Debora Simões de Souza<sup>1</sup>.**

O acarajé é de Iansã, de Xangô e de Iansã quem faz o acarajé é Iansã e o acará é de Xangô. O abará é de Ogun, a cocada de Obaluaye.  
(Maria das Graças, baiana de acarajé).

**Resumo:** Este artigo tem como ponto de partida o Ofício das Baianas de Acarajé, os elementos simbólicos presentes nessa prática e como estes transitam no universo simbólico do candomblé. O trabalho tem como fonte os discursos das próprias baianas de acarajé, dos representantes das duas entidades que representam as baianas de acarajé na baiana: a Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro (FENACAB) e a Associação das Baianas de Acarajé, Mingau e Receptivos (ABAM) e também, documentos do inventário do processo de inventarização do Ofício das Baianas de Acarajé. O objeto central é apresentar os conflitos presentes na prática de venda do acarajé por baianas da religião evangélica, o chamado “Acarajé de Jesus” ou “Bolinho de Jesus”, destacando os conflitos entre o grupo de neopentecostais e os devotos das religiões afro-brasileiras.

**Palavras-chave:** acarajé, candomblé, orixás, neopentecostais.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP).

## **Introdução**

O acarajé está presente em diversas regiões do Brasil, mesmo assim quando pensamos em comida baiana logo fazemos alusão ao acarajé. O passado, presente e futuro estão ali no tabuleiro da baiana de acarajé com transformações narradas pelas próprias. Num breve passeio pelas ruas de Salvador já é possível identificar um tabuleiro e uma simpática baiana de acarajé, há especificidades em Salvador por causa da prática dessas mulheres, como a fumaça e um cheiro oriundos da fritura do acarajé, o dendê.

As baianas de acarajé compõem a paisagem da Bahia com suas saias, batas, turbantes ou torções, contas, entre outros objetos e não menos importante, com seus quitutes do tabuleiro, principalmente o acarajé. O conjunto de símbolos utilizados pelas baianas de acarajé faz parte e possui significados no universo simbólico do candomblé, porém, ao longo do tempo a prática de comercialização das comidas de tabuleiro expandiu-se chegando a ser realizada por baianas adeptas da religião evangélicas.

No decorrer da minha pesquisa de dissertação, que contempla a temática das baianas de acarajé, tive contato com o polêmico “Bolinho de Jesus”, desse modo este texto é produto do meu trabalho de campo em Salvador. No decorrer do artigo procurei dividir os discursos que situam as comidas de tabuleiro, principalmente, o acarajé no universo simbólico do candomblé, de um lado e do outro, as baianas de acarajé neopentecostais, seus líderes e demais seguidores de tais igrejas que defendem a ligação do acarajé com Jesus.

O acarajé, ou melhor, a disputa na comercialização dele pelas baianas protestantes, sobretudo, as neopentecostais, é um dos diversos conflitos presentes na chamada: “guerra santa”, ou “guerra espiritual”. Tais expressões são apresentadas por Bruno Reinhardt (2006) como correntes nos discursos sobre os conflitos entre denominações evangélicas neopentecostais e os cultos afro-brasileiros, em todo o Brasil. Porém, o trabalho de Reinhardt (2006) tem como objetivo abordar a “guerra santa” particularmente em Salvador, por meio dos discursos produzidos pelos dois lados envolvidos na “guerra”, por meio das construções de identidades que estes fazem de si dentro do grupo que pertencem.

Reinhardt (2006; 98) apresenta o crescimento de devotos da religião evangélica na cidade de Salvador, principalmente, na década de 1980, e elenca certos lugares e objetos de tensão como, por exemplo, a venda do acarajé. O “acarajé de Jesus” dividi a

opinião pública: nas ruas, televisão, internet, rádio tal assunto é problematizado. As baianas de acarajé frequentadoras das igrejas evangélicas possuem seus argumentos, que são seguidos por seus líderes religiosos e os demais devotos, criando assim, uma rede que compartilham a rejeição dos demais acarajés.

Enfim, ao logo deste artigo serão articulados diversos discursos que abordam a questão do acarajé e a ressignificação deste, e também, os argumentam que situam as comidas de tabuleiro no universo simbólico do candomblé. A própria documentação produzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), sobre o Ofício das Baianas de Acarajé apresenta a ligação dos elementos que compõem as baianas de acarajé com o candomblé e a busca por uma África, a “reafricanização” (CAPONE, 2009, p. 29).

### **De um lado: Yansã, Xangô, Oxun e os Erês.**

Nesta parte do artigo apresentarei discursos de determinadas baianas de acarajé, atuantes na cidade de Salvador salientando a posição e a origem que estas situam as comidas de tabuleiro, em relação ao universo simbólico do candomblé. Buscarei concentrar nesta fase os discursos de demais atores, que estão de algum modo, relacionados com o Ofício das baianas de acarajé, e que são contra a prática das baianas neopentecostais de ligarem o acarajé a Jesus Cristo.

Os discursos, aqui utilizados, serão associados com os atores sociais, sobretudo as baianas de acarajé, sendo assim, serão apresentadas partes dos discursos situando o lugar de fala e atuação dos sujeitos históricos. Tal apresentação auxiliará na compreensão do cotidiano das baianas de acarajé, suas dificuldades e conflitos próprios de um ofício tão complexo. Os próximos parágrafos são uma tentativa de exhibir tensões próprias do cotidiano de tais mulheres.

A baiana de acarajé Jurivina Silva me recebeu em seu ponto, no dia 13 de julho de 2012, numa sexta-feira, e como de costume estava toda de branco, e não só ela, mas significativa parcela das pessoas que estavam no entorno ou visitando a Igreja Nosso Senhor do Bonfim. “*Sexta-feira é dia de branco, para quem é do axé*”, como a mesma colocou, pois é dia de “*Oxalá, cor do orixá*”. A baiana de acarajé Jurivina tem um tabuleiro na frente da Igreja Nosso Senhor do Bonfim, no largo, onde há mais três pontos de acarajé, mas, que não dia em questão, não estavam lá, por causa do mal tempo e da possibilidade de chuva.

A baiana de acarajé Jurivina Silva, ao construir sua narrativa acerca do início do ofício destaca a origem africana do acarajé e a ligação deste com o universo simbólico do acarajé do qual ela faz parte, de acordo com ela:

O acarajé veio da África, o acarajé veio da África, compreendeu? Depois da África veio para a Bahia, único lugar que ele se instalou foi na Bahia e era fechado só abria para colocar a pimenta e as mulheres que eram de Iansã levava dentro do tabuleiro já em cima da cabeça para pagar obrigação, pra pagar obrigação [...] as mulheres de Iansã botava a saia de ração que é essa aqui [mostrou a saia de baixo], uma saia de ração<sup>2</sup> só. Amarava aqui em cima [aponta para em cima dos seios] não levava sutiã nem nada não, só a calçinha e a saia de ração aqui ô amarava aqui os contriguís [?] e as contas dela no pescoço. Levava o tabuleiro na cabeça só com pimenta, só com pimenta e saia em porta em porta vendendo, oferecendo ‘olha o acará, olha o acará quem vai querer?’ [cantando]. Aí saia vendendo assim para pagar obrigação, hoje em dia, virou uma profissão e sustento, para sua família.

A construção da narrativa de Jurivina sobre o lugar do acarajé no universo do candomblé é montada numa relação de negação do “Bolinho de Jesus” como é chamado o acarajé comercializado por baianas protestantes, um exemplo de “apropriação” (CHARTIER, 1990, p. 53).

Tal movimento de comercialização do “bolinho de Jesus” tem criado inúmeros debates e críticas das baianas, tendo críticas negativas e positivas. Das baianas que pude entrevistar as relacionadas ao candomblé eram contra, outras, que eram católicas e até a evangélica foram à favor. Porém, o que foi unânime foi a obrigatoriedade da baiana vestir-se com a indumentária própria, que por si só, já possui um significado no universo simbólico do candomblé.

No trecho apresentado anteriormente, Jurivina constrói a origem do acarajé com base em dois planos, o religioso e o étnico, no primeiro apresenta a relação das filhas de Iansã com o acarajé, já o segundo, o étnico o acarajé é apresentado como oriundo da “África”<sup>3</sup>. A construção de identidades feitas por esta baiana compreende o eixo de

---

<sup>2</sup> De acordo com Raul Lody (2003b), a saia de ração, ou melhor, a roupa de ração é um traje usado nas atividades do cotidiano do candomblé, pode ser chamada de “roupa sura”, uma das primeiras elaborações do que “se poderia formalmente entender como baiana” (LODY, 2003b: 26). É um modelo de roupa lisa, simples, sem adornos, formado por saia e camisa. Enraizado nas casas de candomblé, é uma roupa interna, é composto por saia sem anáguas, pode ter camisa ou não, neste último caso ela pode ser elevada até a altura do busto e com os ombros livres. Segundo o autor essa designação é oriundo da ‘roupa que come’, que recebe obrigações no decorrer dos diversos rituais religiosos.

<sup>3</sup> “África” entre aspas para destacar a problemática que há entorno desse continente e como ele comumente é tratado como algo uno, sem suas particularidades pujantes de um grande continente. Segundo Hall (2011) “o termo África é, em todo caso, uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto comum situa-se no tráfico de escravos” (HALL, 2011, p. 31).

negação e de construção do verdadeiro acarajé, para isso, ela utiliza a África como algo geral, reduzido onde um objeto foi deslocado. A baiana Jurivina constrói a legitimidade de usar o acarajé a partir da origem deste, sendo ela geográfica e religiosa, acabando concedendo um valor primordial à fixação do acarajé na Bahia.

A baiana Jurivina “senta no tabuleiro”<sup>4</sup> há 22 anos, mesmo período que ela começou sua vida no universo do candomblé. Deste modo, sua relação com os objetos, que representam a baiana de acarajé é construída a partir da sua história de vida, principalmente, com a sua entrada no candomblé e sua amizade com a baiana de acarajé que a ensinou o ofício. Jurivina constrói sua narrativa a partir da sua inserção no ofício por meio de laços sociais firmados no terreiro de candomblé.

A entrada da baiana está associada a sua iniciação no candomblé, sua relação com seu orixá, segundo ela:

Meu pai de santo disse que meu santo mexia com tudo, trabalhava com tudo que eu podia vender acarajé. Porque eu vendia lanche, entregava lanche nos escritórios, fazia meus lanches pastel, banana real, coxinha, enroladinho e ia nos escritórios entregar, fazer as entregas e sai na rua vendendo. Aí quando eu fiz santo ele falou; “Porque você não muda? E vende acarajé? Por que seu santo mexe com tudo”. Então, eu tentei, uma amiga me ensinou.

Segundo a Certidão do Instituto Histórico e Artístico Nacional (2004), o ofício abarca um conjunto de práticas que associa “produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás, amplamente disseminadas na cidade de Salvador, Bahia” (BRASIL, 2004: 1). Ainda segundo este documento, essa receita possui raízes no “Golfo do Benin, na África Ocidental” (BRASIL, 2004: 1), vindo para o Brasil com os escravos dessa região.

Na construção da narrativa da baiana de acarajé Maria das Graças<sup>5</sup>, que trabalha com tabuleiro há 34 anos e tem ponto em Itapuã, a África é novamente utilizada como lugar de onde o acarajé veio e a Bahia o espaço onde este fixou-se, segundo Maria das Graças:

[...] O acarajé foi dá África que era com pimenta só pimenta e ralado na pedra e depois botava na cabeça aquelas negras e saíam mercando, só começavam a vender das cinco horas em diante, subiam e desciam o Pelourinho vendendo acaçá, abará e acarajé mercando e só vendiam e o todo mundo só comia frio e começavam as cinco horas da tarde e ia até seis e meia sete horas elas vendiam

<sup>4</sup> De acordo com o Dossiê Ofício das Baianas de Acarajé, a expressão “sentada no tabuleiro” é própria do grupo em questão, “utilizada para a mulher que bate e frita a massa do acarajé no ponto de venda, independente de estar ou não atendendo a clientela” (BRASIL, 2007: 51).

<sup>5</sup> Maria das Graças, nasceu em 05 de dezembro de 1947, em Salvador e é baiana de acarajé há 34 anos, concedeu a entrevista para a pesquisa em questão no seu ponto, na praia de Itapuã, em 20 de julho de 2012.

o acarajé. Porque ali no Pelourinho teve os africanos e tem gente enterrada ali no Pelourinho. [...] O acarajé é de Iansã, de Xangô, é Iansã quem faz o acarajé é Iansã, e o acará é de Xangô. O abará é de Ogun, a cocada de Obaluaiê.

A África e o candomblé são utilizados pela baiana de acarajé Maria das Graças para legitimar o seu acarajé, o passado histórico é apropriado com objetivo de construir sua identidade de baiana de acarajé valorizando assim, o ofício e sua participação neste. De forma geral, as baianas de acarajé que utilizam o passado histórico do ofício ou do acarajé remetem-se a certa visão da África, uma construção de uma “África mítica” (CAPONE, 2009, p. 293).

A importância da comida no candomblé, tanto nos rituais para o fortalecimento dos devotos com os orixás, como também, na permanência das relações sociais no terreiro. A baiana Jurivina contou o cuidado que tem na hora de dá comida para seu orixá. Na sua narrativa, a baiana Jurivina apresentou a relação das comidas de tabuleiro com seus respectivos orixás, para ela:

O caruru que no candomblé é amalá, o vatapá que no candomblé é ambu, o camarão que no candomblé se chama peixe e o acarajé que se chama acará, que se chama acará e o abará. Tudo são os trabalhos dos orixás [...]. Isso tudo foi um trabalho que deu a algum [orixá] para fazer. A queijada, mesmo de amendoim, pertence a Iemanjá, aquela cocada de coco ali pertence a Obaluaiê, Obaluaiê por causa do coco seco, coco verde é Oxossi, cada um (...) esse bolo aqui [Bolinho de estudante], o bolo aqui pertence a Oxalá, o bolinho de tapioca é de Oxalá, cada um recebeu uma tarefa no candomblé para fazer, nenhum orixá é preguiçoso a matéria mesmo que é preguiçosa.

Não será apresentada uma vigorosa análise sobre as associações realizadas pelas baianas, por causa da complexidade e singularidade que cerca uma casa de candomblé com variações de ritos e liturgias. A baiana Jurivina selecionou elementos do seu tabuleiro, seu lugar de trabalho, com o universo simbólico do candomblé onde a comida possui significado importante<sup>6</sup>.

Raul Lody (1979) apresenta as relações estabelecidas entre as quituteiras, que podem ser denominadas também como: vendedeira, baiana de rua, baiana de tabuleiro,

---

<sup>6</sup> Significado este buscado por Raul Lody (1979), no trabalho de campo em terreiros afro-brasileiros, em Salvador, Rio de Janeiro, Aracaju, Maceió, Recife e Maranhão onde ele acompanhou pessoas responsáveis pelas comidas de terreiro, vendedores de rua, seguidores de cultos afro-brasileiros. Para Lody, a alimentação dos terreiros é fator essencial para a união e a preservação das ações dos orixás, sendo as comidas importantes símbolos de culto e da presença dos princípios religiosos. A ligação social dos terreiros possui base nas comidas compartilhadas que são “verdadeiros prolongamentos das alimentações secretas dos pejis, quando os deuses satisfazem seus desejos de dendê, mel, carnes, farinha, frutas, pejerucum, bejerecum, iru, cozimentos, frituras e papas” (LODY, 1979, p. 17). Segundo Lody, é por meio da alimentação comum dos deuses e dos seus seguidores que o culto tem mantido sua sobrevivência.

ou apenas, baiana. Sobre este trabalho e seu lugar nos terreiros, o autor complementa: (LODY, 1979, p. 17):

As práticas rituais e procedimentos dos terreiros norteiam as atividades das vendedeiras de tabuleiro que observamos nas ruas e praças das cidades do Rio e Salvador. O ato de vender comida na banca ou caixa é de forte fundamento religioso ligado às casas de candomblé. As comidas dos santos, os amuletos que compõem a “venda”, projetam o rigor da culinária votiva dos templos, incluindo seus simbolismos e sentidos sagrados.

A partir da citação pode-se destacar o lugar ocupado pelos objetos<sup>7</sup> que fazem parte do tabuleiro da baiana, incluindo a indumentária desta. Segundo o Dossiê (2007), os termos “estar de saia” ou “usar saia” fazem referência a roupa completa e típica da baiana que é a primeira vista, a marca de identificação da baiana de acarajé.

No complexo universo do candomblé, o acarajé é comida sagrada, “ofertada aos orixás, principalmente a Xangô (Alafin, rei de Oyó) e sua mulher, a rainha Oiá (Iansã), mas também a Obá e aos Erês” (BRASIL, 2007, p. 9). O acarajé varia de forma e de complementos dependendo do orixá que é ofertado. O mito de surgimento do acarajé no universo dos orixás relaciona: Xangô, marido dos orixás, femininos, Oxum e Iansã, primeira e segunda esposas, respectivamente.

As baianas de acarajé ligadas ao candomblé utilizam-se da relação de Iansã com o acarajé para construírem suas identidades em oposição às baianas protestantes e também para se diferenciarem dos vendedores ambulantes. As baianas de acarajé apropriam-se de símbolos que as ligam a um passado que é uma herança de tabuleiro. Sobre a relação dos orixás com as comidas de tabuleiro a baiana Jurivina apresenta:

Porque o acará é de Iansã, o abará é de Xangô, Ogum o vatapá, é de Oxum o caruru que inventou foi muito depois, depois da pimenta foi o camarão, depois do camarão o vatapá, depois a salada e o último foi o caruru muito depois.

A ligação das comidas do tabuleiro com o candomblé é o motivo da Federação Nacional do Culto Afro – Brasileiro tomar uma posição no conflito que tem como peça fundamental o “Bolinho de Jesus”. De acordo com Antoniel Ataíde Bispo, diretor secretário da entidade em questão, desde a sua fundação, na década de 1949, a Federação Nacional do Culto-Afro filia baianas de acarajé, pois estas tinham uma forte

---

<sup>7</sup> No decorrer do trabalho de campo algumas baianas citaram que as baianas de acarajé protestantes deixam a Bíblia aberta em cima do tabuleiro, utilizam o “óleo da Igreja”. É interessante como os dois grupos alicerçam suas crenças em bens materiais que expressam as identidades que estas querem passar para os clientes e estes acabam por se identificarem com um grupo ou com outro. Estas relações merecem um aprofundamento num trabalho futuro.

ligação com os terreiros de candomblé. Segundo ele, “antigamente vender acarajé era uma atribuição de quem era iniciada”, e ainda complementa:

Vender acarajé, vender cuzcus, vender mingau, vender visera de boi, vender tudo isso eram atividades, antigamente, na década de 60, quando a religião afro chegou para a Bahia que os orixás atribuíam as pessoas iniciadas, iniciadas, o ogã ou nem o ekedi não, uma atividade para que estas pessoas pudessem ganhar um dinheiro para a sua manutenção no terreiro, por que as vezes a pessoa levava um ano no terreiro. Então, as pessoas de acordo com o orixá, por que cada orixá estipulava uma coisa para que a pessoa vendesse. A sacerdotisa afro, hoje, ou sacerdote afro a antiga mãe ou pai de santo preparava a venda e essa pessoa, geralmente, de preferência era mulher saía para vender, por exemplo, vendia acarajé, abará, acaçá, e outras coisas comidas que são também servidas como oferenda para os orixás não podem sair no sol, então, essas pessoas saíam após as 17 horas, mercando com o tabuleiro na cabeça, mercando e vendendo nas portas de casa.

Ataíde Bispo utiliza-se de um passado histórico para salientar a importância das baianas de acarajé exercer tal atividade, porém, ele também destaca que ocorreram muitas transformações na sociedade, de maneira geral, que afetaram as relações das vendedoras de quitutes com seu ofício. Segundo Ataíde, é muito difícil encontrar uma baiana de acarajé que esteja trabalhando pela religião, *“hoje é praticamente um comércio, todas as pessoas aprendeu a vender, vai bota o seu tabuleiro a prefeitura libera o ponto ela vai e vende”*.

Ainda de acordo com Ataíde Bispo, a Federação Nacional do Culto-Afro Brasileiro filia baianas das diferentes religiões, porém, exige determinadas regras, como por exemplo, a obrigatoriedade da indumentária própria para a baiana sentar no ponto. Tal regra já estava prevista no Decreto Lei Municipal nº 12.175, de 1998, de Salvador que regulamenta o trabalho das vendedoras de comidas de tabuleiros nos logradouros públicos, da cidade de Salvador.

Segundo Bispo, atualmente, a Federação Nacional do Culto-Afro Brasileiro está passando por um processo de esvaziamento das baianas de acarajé, por causa do surgimento de outra entidade que também agrupa baianas de acarajé, a Associação das Baianas de Acarajé, Mingau e Receptivos (ABAM).

Rita Santos, atual presidente da ABAM, em entrevista ao Programa Esquenta da Rede Globo de Televisão, apresentou uma preocupação em relação ao crescimento das baianas do “Acarajé de Jesus”, segundo ela, *“a vendedora de acarajé tem que estar no tabuleiro de bata, de saia e de torço não importa a religião”*. Na mesma entrevista, ela salientou a importância da obrigatoriedade da indumentária da baiana de acarajé para a



manutenção<sup>8</sup> do título de Patrimônio Cultural Brasileiro, concedido pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, em 2004, ao Ofício das Baianas de Acarajé. A inclusão da polêmica do “Acarajé de Jesus” nas mídias de grande circulação indica a importância de tal processo, pois este inseri-se num contexto mais amplo, o da chamada “guerra santa” entre os seguidores das religiões de matrizes africanas e os neopentecostais.

Para finalizar, a apresentação dos discursos de um lado do conflito utilizarei parte da narrativa da baiana de acarajé Tânia Barbara Nery, sobre a prática do “Acarajé de Jesus”. Todos os meus contatos com a baiana Tânia foram momentos de profunda aprendizagem, um ponto essencial de nossa primeira entrevista foi quando começamos a falar sobre o “Acarajé de Jesus” e a mesma, emocionada colocou sua triste indignação em relação a essa prática. Tânia se colocou contra a venda do acarajé como “bolinho de Jesus” e contou como isso significa para ela uma discriminação à religião dela. Com os olhos lagrimados, ela me apresentou um fato, que a mesma sofreu, de pura discriminação e intolerância religiosa. Num evento denominado, “Marcha Para Jesus”<sup>9</sup>, da religião protestante um grupo de evangélicos cercou o ponto dela e, ajoelhados, a chamaram de satanás, tal fato foi denunciado por ela, para diferentes instituições.

A partir desse discurso, sobre este evento, ela apresentou a importância do ofício da baiana de acarajé com a história dos seus ancestrais, a origem do acarajé, seu significado em iorubá e sua relevância no universo simbólico do candomblé. Para ela: *“acara é uma comida trazida da África, um bolinho oriundo da África, dos meus ancestrais, comida dos orixás, de Iansã dona da minha cabeça”* e, ainda, complementa que é *“oferenda do orixá para o pessoal do axé”*<sup>10</sup>. Assim, Tânia articula uma gama de elementos significativos na construção do que é ser baiana de acarajé para ela com os símbolos e simbolismos relacionados ao candomblé e a história da África.

O episódio narrado pela baiana de acarajé Tânia é um exemplo de violência simbólica que os elementos ligados às religiões de matrizes africanas sofrem no Brasil.

Segundo Vagner Gonçalves da Silva (2007), os neopentecostais agredem e combatem

<sup>8</sup> De acordo com o Decreto Federal 3.551, de 2000 que instituiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, todo bem imaterial depois de 10 anos com o título ele é reavaliado podendo manter ou perder o título.

<sup>9</sup> Evento musical organizado pela Igreja Apostólica Renascer com dimensões internacionais que mobiliza milhares, e, até, milhões de pessoas que ocorre anualmente. Mais informações: <http://marchaparajesus.hospedagemdesites.ws/2012/marcha.php> (Acesso em janeiro de 2013).

<sup>10</sup> Axé que segundo Stefania Capone pode ser diferentes definições, primeiramente é a “força sagrada que pode ser inscrita nos objetos e nas pessoas iniciadas” (CAPONE, 2009, p. 41). Outra definição, utilizada pela autora é de axé como uma tradição religiosa que se tem uma origem real ou mítica, associada a casa de culto tida como matriz de todas as demais. E, também, o termo axé pode designar o conjunto do terreiro. Tendo em vista tais definições, a baiana de acarajé Tânia utiliza a expressão axé no sentido tanto de uma tradição religiosa que está intimamente ligada a casa de candomblé central, ou de forma geral.

símbolos do legado africano no Brasil, sendo ou não ligados diretamente a religião. O autor apresenta uma série de eventos onde grupos de neopentecostais agrediram, fisicamente e psicologicamente, pessoas e objetos ligados as religiões afro, em todo Brasil. De acordo com Silva, “a intolerância religiosa pode manifestar-se no compartilhamento de locais ou transportes públicos, como no caso de uma mulher que por trajar um turbante branco, tipo dessas religiões, foi expulsa do ônibus” (SILVA, 2007: 219).

A agressão que a baiana Tânia sofreu é um exemplo de que certos grupos de neopentecostais estão reunidos e dispostos a promoverem “ataques”, termo utilizado por Silva (2007) para definir “uma investida pública de um grupo religiosos contra outro” (SILVA, 2007: 230). O acarajé faz parte de um conjunto de símbolos atacados e ao mesmo tempo apropriado por determinadas pessoas adeptas a religião evangélica, sobretudo neopentecostal.

### **“Jesus nem comia acarajé, não tinha na ceia acarajé?”**

O subtítulo, apresentada anteriormente, fez parte do discurso da baiana de acarajé Célia Regina, sobre o acarajé de Jesus, em entrevista, no Rio de Janeiro, para minha pesquisa de mestrado. Tal frase fornece indícios de que as baianas neopentecostais, que vendem o acarajé, apropriaram-se de um objeto que não é próprio da religião Cristã. O acarajé é um símbolo no candomblé e as baianas do “Acarajé de Jesus” apropriaram-se e ressignificaram, tal símbolo.

No programa “Esquenta” da Rede Globo de Televisão, uma baiana evangélica, que não utiliza a indumentária foi questionada sobre o que ela fazia antes de tornar-se baiana de acarajé, e a mesma afirmou:

Eu tenho a baiana como uma profissão, eu vendendo acarajé eu vou ganhando o pão de cada dia para os meus filhos. Eu vendo na frente da igreja, todos os fies compram na minha mão, o que vale é o alimento que você está comprando não a roupa, você vai comprar a roupa ou vai comprar a comida que está comendo?

O trecho, apresentado anteriormente, evidência que as baianas do “Acarajé de Jesus” possuem um conjunto de pessoas que partilham das suas ideias, aumentando, assim, o discurso de que o que importa é o alimento. Porém, quando você consome uma comida você está compartilhando uma cultura, para utilizar a ideia de “comida como cultura” (MONTANARI, 2008).

Bruno Reinhardt (2006) apresenta trecho do discurso de Edir Macedo, importante líder religioso neopentecostal, sobre as comidas de tabuleiro:

Todas as pessoas que se alimentam dos pratos vendidos pelas famosas baianas estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde, a sofrer do estômago. Quase todas essas baianas são filhas de santo ou mães de santo que “trabalham” a comida para terem boa venda. Algumas pessoas chegam a vomitar as coisas que comeram, mesmo que isso tenha sido há muito tempo (Reinhardt, 2005; *apud* Macedo, 2005:42).

Segundo o autor, há dois importantes indícios que devem ser observados na prática do “Acarajé de Jesus”, primeiro, a produção de um acarajé livre do candomblé e suas magias, o “acarajé do bem”; segundo:

A distribuição de uma série de contra-feitiços, principalmente nos rituais da Igreja Universal do Reino de Deus, objetos mágicos como o ‘sal do descarrego’, que devem ser acrescentados às comidas de origem africana de modo a anular qualquer risco de contágio pelo poder maléfico que pode habitá-las (REINHARDT, 2006: 100).

Enfim, os conflitos presentes no cotidiano das baianas de acarajé que envolvem o “Bolinho de Jesus” faz parte de uma “guerra”, a denominada “guerra santa”, cujo fim está longe. É errôneo afirmar, que todas as pessoas evangélicas são a favor do “Acarajé de Jesus”, há baianas de acarajé, não evangélicas que não encontram problema nenhum na comercialização dessa comida pelas baianas neopentecostais. A discussão, apresentada neste trabalho, não será esgotada aqui, há um conjunto de fatores e um contexto, o do crescimento das igrejas neopentecostais em Salvador, que tornam o debate extensivo. Tal discussão envolve apropriações, resignificações, intolerância religiosa, entre outras questões.

## Referências Bibliográficas

BISPO, Antoniel Ataíde. *Entrevista* concedida a Debora Simões de Souza no dia 18 de julho de 2012.

BRASIL. Ministério da Cultura *Decreto nº3.551* de agosto de 2000. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, Brasília, DF: Iphan, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ofício das Baianas de Acarajé. Livro de Registro dos Saberes*. Brasília, DF: Iphan, 2004.

\_\_\_\_\_. *Registro do Ofício das Baianas de Acarajé em Salvador, BA*. Processo nº 01450.008675/2004-01. Relator Roque de Barros Laraia. Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ofício das Baianas de Acarajé*. Brasília, DF: Iphan, 2007.

CACCIATORE, Olga. *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. Forense Universitária/SEEC, Rio de Janeiro, 1997.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria: Pallas, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organ. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. , 1º Ed. atualizada, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LODY, Raul. *Santo também come: estudo sociocultural da alimentação cerimonial em terreiros afro-brasileiros*. Prefácio de Gilberto Freyre. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras*. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2003a.

\_\_\_\_\_. *O que que a baiana tem: pano-da-costa e roupa de baiana*. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 2003b. (Catálogo da exposição realizada na Sala do Artista Popular no período de 27 de março a 27 de abril de 2003).

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

NERY, Tânia Bárbara. *Entrevista* concedida a Debora Simões de Souza no dia 20 de julho de 2012.

REINHARDT, Bruno M. N. *Espelho ante Espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2006).

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. Mana vol.13, n.1, Rio de Janeiro, 2007.